

DIÁRIO DE BORDO

EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) e embaixador especial da FAO para as Cooperativas

A EDUCAÇÃO é tema recorrente em conversas de qualquer brasileiro medianamente informado, e sempre se conclui que o País não fez a sua lição de casa quanto a ele, o que explicaria grande parte do nosso baixo crescimento. Também é frequente a comparação entre o nosso progresso e o observado em países que investiram bastante em educação, e fica evidente o quanto ficamos para trás.

A própria produtividade do trabalho no Brasil é baixa em função desse fato, de modo que nada é mais consensual do que a necessidade de investir em educação. O pior é a certeza de que precisamos fazer muito mais do que fizemos, e, mesmo que o façamos imediatamente com bastante vigor, os resultados demorarão mais ou menos uma geração para ser sentidos por todos.

Atualmente, cerca de 83% dos nossos jovens não vão para o Ensino Superior, e há uma correlação entre essa estatística e a violência. Segundo o Atlas da Violência publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 5 de junho passado, "a morte violenta intencional de jovens entre 15 e 29 anos aumentou 38% no período [entre 2007 e 2017]. Em 2017 representou 54% do total dos homicídios"... Outro alerta evidente: o desemprego chega a 30% entre os jovens até 24 anos, sendo que, mesmo com o desaquecimento da economia global, a média planetária nessa faixa de idade é de 13%, bem menos da metade da nossa...

Ora, se apenas 17% dos nossos jovens chegam à universidade, o que estamos fazendo por todos os demais? Entre os países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 44% dos que não vão ao Ensino Superior conectam-se com o mundo do trabalho via Ensino Médio, por meio do ensino profissional e tecnológico. E, no Brasil, esse número está em trágicos 9%! Aqui está um ponto para reflexão.

O Governo já preocupou-se com isso: no final de 2018, foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatizou essa questão, podendo melhorar mais rapidamente o nosso desempenho profissional num futuro próximo por meio da educação técnica em larga escala. Na prática, a nova Lei abre uma porta de entrada para jovens num momento crítico de suas vidas, acenando para a sua prosperidade e a de suas famílias. A partir de 2020, todas as escolas deverão oferecer opções para o Ensino Médio, em cinco macrocampos, chamados de "itinerários formativos". Quatro deles são acadêmicos, e um é de educação técnica.

De fato, faltam técnicos de nível médio. Na agricultura, temos excelentes engenheiros-agrônomos, médicos-veterinários, engenheiros florestais, zootecnistas, mas faltam, por exemplo, agrimensores. Nas cidades, dá-se o mesmo: temos engenheiros e arquitetos, mas faltam técnicos em hidráulica, em eletricidade, em automação e em segurança. A economia real anseia por esses profissionais, e, em muitos casos, a remuneração deles é maior do que a dos de nível superior. E há um pormenor: técnicos com essa formação estão conectados com as realidades regionais e territoriais, podendo promover mudanças simples que resolvam demandas não solucionadas até então.

A ONG Todos Pela Educação avalia que 95% dos estudantes secundaristas querem conhecer a educação técnica.

Mãos à obra: temos que montar uma política educacional para o ensino profissional e tecnológico. Ele é emancipador para os jovens e altamente progressista para o País. ■

Na agricultura, temos excelentes engenheiros-agrônomos, médicos-veterinários, engenheiros florestais e zootecnistas, mas faltam técnicos, como, por exemplo, agrimensores.